

The background is a soft, teal watercolor wash. A bright white diagonal streak runs from the upper left towards the lower right, creating a sense of light and movement. Several small, white, circular dots are scattered across the teal background, resembling stars or bubbles.

MARCAS ESCREVIVIDAS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR
MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
Andréa de Azevedo Morégula
Carlos Pereira Neto
Dejeane de Oliveira Silva
Elson Cedro Mira
Iracildo Silva Santos
Luciana Sedano de Souza
Lurdes Bertol Rocha
Maria Cristina Rangel
Maria Luiza Silva Santos
Maurício Santana Moreau
Raquel da Silva Ortega
Sabrina Nascimento

NEUZAMARIA KERNER

MARCAS ESCREVIDAS

Ilhéus - Bahia



2021

Copyright ©2021 by NEUZA MARIA KERNER VIREIRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO

Tikinet Edição LTDA

CAPA E FINALIZAÇÃO

Sabrina Nascimento

REVISÃO

Tess Chamusca
Roberto Carvalho

IMAGEM DA CAPA

Passeio na Floresta, de Henri Rousseau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K39 Kerner, Neuzamaria
Marcas escritas / Neuzamaria Kerner –
Ilhéus, BA: Editus, 2021.
142 p.

ISBN: 978-65-86213-59-1

1. Poemas em prosa brasileiros. 2. Escritoras
brasileiras. 3. Escritoras brasileiras – Bahia. I.
Título.

CDD 869.1

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Baísa Nora, sempre amiga, pela generosidade pelas sugestões, pela paciência, pelo olhar atento sobre o que *escrevivo*.

“Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.” (Barolomeu Campos de Queirós)

“Só mesmo o sublime pode ajudar no trivial da vida.” (Alain Fournier)

Por isso, dedico estas ‘marcas escrevividas’ a Lily, minha nora e amiga.

A Luciano.

A Fabrício.

A Gentil e Cilza.

Por isso também dedico

Ao Clube do Livro da Biblioteca de Domingos Martins: Ana Maria, Maria Ângela, Aparecida Lúcia, Carlos Henrique, Eliane, Emílio José, Gracinha, Gustavo, Josué, Maurício, Rosana, Sérgio Luiz, Sofia, Solange, Thereza Christina.

The background is a soft, teal-colored watercolor wash. It features several small, white, circular dots of varying sizes scattered across the upper half, resembling stars or distant galaxies. The overall texture is painterly and ethereal.

*“És de beleza um portento
no perfil e nas formas puras
mas beleza sem talento
é um palácio às escuras”.*

(Trova de domínio público que meu pai dizia, quando eu era criança, para me motivar para a leitura).

Sumário

PREFÁCIO /	13
O PORQUÊ DE MARCAS	
ESCREVIVIDAS /	17
SÚPLICA POR UM INCÊNDIO /	25
SEM SONATA /	26
A FÚRIA /	27
VIRULÊNCIA /	28
SITIADOS /	29
VALENTIAS /	30
PRESENÇA /	32
ONDE /	33
VIDA /	34
ESCREVIVENDO /	35
ROSANA /	36
EM BUSCA DA IDENTIDADE /	37
CAMINHANTE /	38
QUINTA ESSÊNCIA /	40
RECONHECENDO O CAMINHO /	41
ESTRADAS /	43
REVOLUÇÃO /	44
PONTUALIDADES /	45
MALABARISTAS /	46
PEDIDO /	47
SOMENTE VÓ /	48
VIDA E MORTE /	50
AVE, VIDA! /	51

QUARESMEIRAS /	52
ANJO DO CAMINHO /	53
ALMA ANDADEIRA /	54
MENINO-HOMEM /	55
MENINA-MULHER /	56
COISAS DO FASTIO I /	57
ILUSÃO /	58
ESTOU CHEGANDO, ÉVORA! /	59
FESTEJO /	61
SAUDADE DE MIM EM ÉVORA /	62
TUA VOZ, ÉVORA /	63
ALMA PORTUGUESA /	65
PAVÕES DE ÉVORA /	67
MOMENTO AZUL /	69
ALFAMA /	70
SINOS /	71
TEMPLO DE DIANA /	73
AMIGO, POR TUDO ISSO... /	74
INDECISÃO /	76
O TREM /	77
SANTUÁRIO DA PERFEIÇÃO /	78
ESPAÇO NA ESTRADA /	80
VIDA DE PASSARINHO /	82
MAR E TEMPO /	84
BACO E O ARTESÃO /	86
OLHA /	87
NEBLINA /	89
RAJADAS DE LUZ /	90

LUZ / 91
A VOZ DA MONTANHA / 92
REVIVÊNCIA / 93
SOBRE LEIS / 94
A COR DE DEUS / 95
DESNUDAR-SE / 97
GOL NAS NUENS / 98
ALEGRIA / 100
ALPISTE NO BANQUETE / 101
VIAGEM / 102
FONTES DE ANCHIETA E DE KAHENA / 104
LUIZA / 106
CURADORA NO ESPAÇO / 107
QUE VENHAS / 108
O FIM / 109
COISAS DO FASTIO II / 110
NÓS E OS ROBÔS / 111
COMPARAÇÃO / 112
ANIVERSÁRIO / 113
DOS OLHOS / 114
PACTO / 115
ENTRE O FAROL E O MAR / 116
SEM COR / 117
NOS LENÇÓIS / 118
NADA / 119
JURAMENTOS / 121
NA BEIRA DA LUZ / 125
AOS POUCOS / 126



CARNAVAL /	127
CORAGEM /	128
BULIMIA /	129
NA MADRUGADA /	130
A QUEIMADA DO MUSEU /	131
O ORÁCULO E EU /	132
ENIGMA /	133
SALVA-DORES /	134
A FACE DO VENTO /	135
VISÕES DA INFÂNCIA /	136
A NAÇÃO /	137
UNIDADE EU-NÓS /	138
O QUE ESPERAM DO POETA /	139
ORAÇÃO /	140
VIAJANTE /	141
O QUE VOS ESPERA /	142

PREFÁCIO

ZONZURA: DAQUI, SE VÊ O MUNDO

No trajeto da leitura de **Marcas Escrevidas**, há passagens de tirar o fôlego. Neuzamaria sabe como provocar *zonzur*as em quem leia seus poemas, desde quando se faça isso com os terminais da alma expostos. São verdadeiros pontos, construídos em forma de versos, dos quais se pode experienciar a consumição e o êxtase. Isso decorre de duas situações fundamentais, a partir do material e da ideia com que Neuzamaria elaborou as **marcas**, que não são apenas escritas; ao contrário, foram – e continuam sendo – vividas.

No terreno da linguagem, as marcas transbordam a inventiva constantemente. Não basta o dicionário à disposição de todos; é preciso mais, ir mais além. É justamente nesse ponto que a poeta reinventa o léxico vezes sem conta, criando novos verbos, novos nomes. Maior exemplo se estampa no título deste seu novo livro, com o verbo ESCRIVIVER. Não basta gastar o léxico disponível; é necessário,

a quem sabe lidar com a natureza do idioma, mergulhar na vida e viver escrevendo, escrever vivendo. Primeiro, passar pelo moedor da existência; depois, pela agonia do escrever. Essas duas situações, no entanto, não se realizam em separado. Não são dois níveis estanques, um do fazer; outro do viver. Ao contrário, constituem-se num verdadeiro imbricamento em que um não se faz sem o outro.

Neuzamaria sabe muito bem o que é viver no estonteamento da inspiração. E ao tempo que vai fazendo a costura poética do fazer e do viver, também expõe os vendavais causados pelo próprio estado netuniano de quem traz na pele expostos os terminais da intuição artística. Nisso, ela faz de conta que o estonteamento é dela quando, na verdade, é de nós todos, humanos que somos, mas nos falta o dom de poematizar. E nisso, ela foi abastecida pela Mãe Natureza, com um cabedal que, ainda distribuindo, vendendo ou emprestando, vai sobrar no silo de armazenagem.

O que à primeira vista seria uma confissão de sua *zonzura* particular, Neuzamaria discorre sobre a nossa *zonzura* por estarmos na existência. Depois de desejar

incendiar-se (e isso nada tem a ver com o ato de suicidar-se: *Dá-me um fósforo, ó meu Pai*), ela se identifica, no ato de *escrever*, com Sísifo, a quem o chama de *meu irmão de labuta*.

São vários os poemas em que divindades de várias culturas são reconhecidas como fazendo parte do imaginário da humanidade e, por isso mesmo, lembradas quando não, invocadas. E enquanto isso, Neuzamaria faz até mesmo de suas viagens internacionais motivos para abrir os porões de sentimentos, independentemente das fronteiras geográficas. Assim, ela consegue arrancar, tanto aqui quanto ali, as ostras grudadas em nosso espírito, e cuidadosamente, extrair delas verdadeiras e raras pérolas.

Quem foi que disse que Neuzamaria consegue se desvencilhar do poema? E lá, nas páginas derradeiras, ela para e reza. Fazendo-se pitonisa do *Oráculo da Poesia*, aconselha-nos em estilo bíblico:

Não vos preocupeis

com a passagem do tempo.

Não vos assombreis

com o futuro (impenetrável)

porque o que lá existe

é o vosso próprio destino.

(Viram? Para que sinais de pontuação?)

Se formos mais atentos, veremos na configuração formal desse poema uma escada cujos degraus nos levam a um processo de interiorização, pois somente assim teremos respostas verdadeiras para as indagações que nos fazemos a respeito de nosso futuro e do nosso destino. Cumpre observar o asseveramento: Não vos preocupeis. Não vos assombreis.

Então, o livro termina sua missão. Justamente por isso, Neuzamaria se rende em ato final de agradecimento. E seu imaginário vai buscar no seu tempo de menina o costume de pedir a bênção, agora reinventado:

A **bênção**, Inteligência Universal,
para nós todos, jornadaeiros!

Ruy Póvoas, Babalorixá,
Professor e Escritor

O PORQUÊ DE MARCAS ESCRIVIDAS

Neste momento, sinto que estamos sitiados pela vida. Não no sentido absoluto ou desconfortável que a palavra ‘sitiado’ possa sugerir. Sou contra, terminantemente contra, a dependência da infelicidade. Minha vocação é para o contrário, mesmo em tempos de reclusão compulsória. Por isso, ao me sentir assim, vou deixando minhas marcas ao transitar porque entendo, aceito e acolho a impermanência de tudo e isso me faz poeta onde não há terra firme ou mar sereno o tempo inteiro. Isso é pra quem tem juízo em tempo integral:

*Transito na transição
enquanto bombas ardem no Oriente.*

*Em todos os orientes
estrelas se escondem
no vasto céu da minha boca.*

*Eu, cada vez menos louca
apenas lanço a palavra
que resiste na poesia que ainda resta.
Em festa, um maldito invisível vírus*

*- não se sabe de que oriente oriundo –
baila nos pulmões do mundo
e segue inconsequente.*

*Na grande água
uma rosa de ventos
sufoca só em desalentos
porque não mais se orienta
no escuro de cada ponta estelar.
Assim a rosa murcha marcha
num rumo incerto
sem saber se em algum oriente
voltará um dia a brilhar.*

*Transito apenas vivendo
e sentindo o sal de lágrimas várias
que enchem o meu mar
que transborda nas águas todas
que vêm do mundo.*

Palavra e lágrima que não são somente minhas: Marcas nossas de cada dia! Marcas que nos fazem coabitar os mesmos espaços, contudo o reconhecimento disso é simplesmente libertador. A poesia me dá essa possibilidade, ou seja, a liberdade

de cultivar uma satisfação interior que não esteja obrigatoriamente vinculada somente ao que é agradável aos olhos e aos sentidos. Enquanto isso, olho e falo do Fim do Mundo - mas sem ser apocalíptica —:

*Olho a mata
este cinturão verde da minha morada
e penso no fim do mundo.
Minh'alma que vive de abundâncias
aos céus clama as bem-aventuranças
um dia prometidas para todo ser vivente.*

*Enquanto isso
bocas famintas, porém vazias,
esperam maná de mãos generosas
no pouco possível do que ainda há.
Bandeiras trêmulas tremulam domínios
e vidas se perdem nas vias invisíveis do poder.*

*As bocas não param de esperar
os corpos não param de se perder
a mata esmaece no verde dever.*

*A esperança não foge:
Sou uma velha rezadeira
insistente e incansável*

*que não se deixa emudecer
nas barganhas com o céu
para o mundo não ter fim.*

As bocas das almas também querem outro tipo de alimento: a palavra, a educação, a possibilidade de um mundo onde caibam todos com suas diferenças, a mudança nos valores humanos. Somos dependentes uns dos outros e merecemos o melhor. Se não for para o bem comum, então nada terá valido a pena para ninguém, daí a minha reflexão sobre as bocas famintas causadas pelas vaidades de alguns que impedem a igualdade. Eis “O ocaso do espelho”:

*Um dia
nossos olhos ficaram cerrados
para o que de fato importava:
os bosques perderam raízes
e os carvalhos deitaram cansados de tanto esperar;
os lírios abandonaram as vestes
e nada mais coloriu os campos;
as ninfas se recolheram
e Narciso virou o nome da glória;
todos faliram num sistema insustentado*

*e os credos ensandecidos desuniram gentes;
as cachoeiras choraram lamas
e os rios descristalizaram;
o passado, professor dos tempos todos,
frustrado sentiu que nada ensinou;*

*Durante o vendaval
tentaram armazenar o tempo em despensas de
almas vazias.
O tempo? – Ab... esse não se pode armazenar!
mas permanecerá o que não restringe o coração
pois que essa máquina que pulsa dentro da carne
movimenta engrenagens
que olhos cerrados não podem ver.*

*- E o futuro?
Não haverá futuros imediatos
para os Narcisos entediados...
Portanto nada lhes restará
senão morrer.*

Reflico e deixo mais pegadas ao observar a busca humana por uma perfeição física extrema que atormenta e robotiza sem deixar margem para pensar a si próprio e ao outro. Perfeição e imperfeição compartilham o mesmo caminho, mas o

que é possível é a contribuição da poesia
paciente que há nas travessias independentemente da valentia da “Teia” que também traz sua marca da vida:

*A perfeição não mora
nas coisas do hoje.
O que é imperfeito
já está quase feito
nos ossos de cada um.*

*O ontem
muito pouco construído
alega propriedade numa cidade interna
que fala e duvida
do que se tem de real.*

*O ideal, no entanto,
pode estar no amanhã
- que ainda nem existe -
até ele acontecer.
Essa é a teia da vida.*

Então, as Marcas Escrividas não são somente marcas sem significados. São sentimentos que se transformaram em versos. Marcas que me trazem sempre de volta para minha casa interior na medida em

que vejo e sinto também as marcas alheias. Contudo há beleza e esperança apesar dos desafios nesta viagem fantástica chamada vida. Apesar da pandemia dentro da qual estamos, apesar dos sustos e medos, é preciso que se conserve em nós a Sherazade (Mil e Uma Noites) com suas histórias fazedoras de pessoas mais pacificadas com a existência. A Sherazade sobrevivente - e que nos faz sobreviver às tempestades - que sussurra nos nossos ouvidos: resistamos bravamente porque vale a pena! Mesmo com os narcisos entediados, há orquídeas - das quais eu gosto muito - que nos acenam exibindo, do seu lugar, beleza em suas páginas-pétalas de luz e amor nas marcas es-
crevivas. No poema “Orquídea” eis que:

*Feito entidade murmurante
vinda do centro do céu
me desperta de repente
plenificando minh'alma pedinte
de perfume, lume e cor...
Reverente
desabo sobre joelhos devotos
e lágrimas de gozo*

*encharcam os rios secos do meu rosto
que se fazem caminhos
como rugas honestas
expondo marcas de vida.
Quando as águas se afastam
minhas margens vestidas de silêncio
ficam livres nas abundâncias
deste universo ilimitado
neste Deus não inventado
que me cresce, me toma e me doma
tal uma dama satisfeita por ser amada
na cama fofa do amor.
Então
como um livro que se abre ante a mim
as pétalas suaves desta orquídea
imprimem falas
e como fadas fiam a flor
na minha alma carente
monja no seu casulo
mas livre no seu castelo
vaso de carne feito um andor.*

Minhas reverências!
Domingos Martins,
28 de Setembro de 2021.
Neuzamaria